

---

## Um par incerto?\*

Claude Zilberberg<sup>i</sup>

Tradução de Djavam Damasceno da Frota<sup>ii</sup>, Ivã Carlos Lopes<sup>iii</sup> e

Carolina Lindenber Lemos<sup>iv</sup>

---

**Resumo:** O presente artigo aborda a questão da imanência sem separá-la do par original do qual participa não só na filosofia, mas também na semiótica, e desenvolve a seguinte hipótese: a transcendência é o limite da imanência admitida, o que podemos reformular de duas maneiras. A primeira, positiva e enunciada a partir da perspectiva da transcendência: esta seria o espaço que abriga as dificuldades não resolvidas ou mal resolvidas da imanência. A segunda, negativa e enunciada a partir da perspectiva da imanência: diríamos então que a falta de controle, por exemplo, da afetividade transfere seus rejeitos ao espaço aberto da transcendência. A relação imanência/transcendência não é outra coisa senão uma alternância dependente de outra relação mais profunda que a sustenta e que é concebida a partir da teoria do valor em semiótica: valores de absoluto/valores de universo. Ao fim e ao cabo, é o sujeito que avalia, mensura e relativiza o domínio da transcendência em face da imanência; por meio das operações analíticas desta última, as dimensões da transcendência, seja pela intensidade, seja pela extensidade, avançam e retrocedem em sua capacidade de serem compreendidas.

**Palavras-chave:** transcendência/imanência; valores de absoluto/valores de universo; condicionamento concessivo; acontecimento; saber/crer.

---

---

\* DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2022.195494>.

O presente artigo de Claude Zilberberg (1938-2018) foi publicado, primeiramente, com o título “¿Un par incierto?”, no volume “La inmanencia en cuestión I”, da revista *Tópicos del seminario*, ano 16, n. 31 (ZINNA; RUIZ MORENO, 2014), vertido em espanhol por Dominique Bertolotti Thiodat. Agradecemos aos organizadores pela amável autorização para a publicação desta tradução na revista *Estudos Semióticos*. O trabalho a que o leitor agora tem acesso em português baseou-se na versão em língua materna do autor, cujo manuscrito deu origem também à tradução incluída no periódico mexicano. Remeteu-se, portanto, ao texto “Un couple incertain?”, igualmente sob a organização de Zinna e Ruiz Moreno, publicado em *L'immanence en jeu*, Toulouse, éditions CAMS/O, collection Études, 2019, p. 127-137.

<sup>i</sup> Séminaire Intersémiotique de Paris, França. Website pessoal: [www.claudezilberberg.org](http://www.claudezilberberg.org).

<sup>ii</sup> Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, CE, Brasil. E-mail: [bardothce@hotmail.com](mailto:bardothce@hotmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4802-0046>.

<sup>iii</sup> Docente do Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP), SP, Brasil. E-mail: [lopesic@usp.br](mailto:lopesic@usp.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0153-1949>.

<sup>iv</sup> Docente do Departamento de Letras Vernáculas e do Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, CE, Brasil. E-mail: [carolina.lemos@ufc.br](mailto:carolina.lemos@ufc.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0114-2548>.

## 1. Campo da imanência

*Estamos à mercê do que se passa em nosso campo de percepção.*  
Paul Valéry

O tema de reflexão proposto requer toda a nossa atenção uma vez que ele é, provavelmente, indecível. Com efeito, a alternância eleita – imanência vs. transcendência – é, por sua vez, controlada por uma alternância prioritária: valor de absoluto ou valor de universo? A problemática da relação a ser colocada entre imanência e transcendência não é, realmente, alheia à questão do valor. A asserção dos valores, contudo, só pode ser levada a sério se der a conhecer uma alternância inaugural plausível. Propusemos, para tanto, uma distinção entre *valores de absoluto* e *valores de universo*, resultantes da intersecção da dimensão da extensidade com a da intensidade. Os valores de absoluto são concentrados e tônicos, os valores de universo são dispersos e átonos. A partir dessa bifurcação elementar, imanência e transcendência podem ser descritas nos seguintes termos:

- I) A imanência resulta de uma operação de triagem consequente e a transcendência, de uma operação de mistura. Se nos referirmos, nesse particular, a Cassirer, o divino se apresenta “como algo que só existe presentemente aqui e agora, num momento indivisível do vivenciar de um único sujeito, a quem inunda com esta sua presença e induz em encantamento” (CASSIRER, 1992, p. 34).
- II) A imanência visa a unicidade ou, quando menos, a especificidade; a transcendência visa a universalidade e, na sua falta, a banalidade.
- III) Os traços da imanência são exclusivos, os da transcendência são partilhados.
- IV) Presente, a imanência está sob o signo da suficiência; ausente, a transcendência está sob o signo da insuficiência.

**Quadro 1:** Imanência e transcendência.

	imanência	transcendência
operação	triagem	mistura
orientação	unicidade	universalidade
regime	exclusividade	partilha
afeto	suficiência	insuficiência

Fonte: Elaboração própria.

A tese da imanência da língua é defendida por Saussure no *Curso de linguística geral*: “[...] a língua constitui um sistema de valores puros que nada determina fora do estado momentâneo de seus termos” (SAUSSURE, 2002, p. 95). A busca pelo valor de absoluto visa a uma grandeza mítica: a pureza, e rejeita uma grandeza a seus olhos tida como ambígua: a natureza. “Mas já vimos que, em Linguística, os dados naturais não têm nenhum lugar” (SAUSSURE, 2002, p. 95).

Essa posição também é a de Hjelmslev no capítulo 21 dos *Prolegômenos*: “As regras gramaticais de uma língua são independentes de toda escala de valores, quer seja lógica, estética ou ética e, de modo geral, a língua é desprovida de qualquer finalidade específica” (HJELMSLEV, 2003, p. 116). Hjelmslev rejeita identificações universalmente aceitas: “*A priori*, torna-se evidente que a concepção tradicional, segundo a qual o número indica a quantidade, o gênero indica o sexo, e o aspecto, o tempo, é um erro fundamental” (HJELMSLEV, 1991, p. 181).

No estudo de Hjelmslev intitulado *Língua e fala*, contemporâneo aos *Prolegômenos*, a cesura indispensável passa entre, de um lado, o *esquema*, concebido “[c]omo uma *forma pura*, definida independentemente de sua realização social e de sua manifestação material” (HJELMSLEV, 1991, p. 84 - grifo do autor) e, de outro lado, a *norma* e o *uso*, aquela qualificada como “realização social” e este como “manifestação material”. Nitidamente, o esquema é responsável pela estipulação da imanência, enquanto a norma e o uso ficam encarregados da estipulação da transcendência. No entanto, essa partilha admite hesitações. Examinando, em outro estudo, a diferença entre o par acima/abaixo e o par frente/atrás, Hjelmslev observa:

A diferença entre frente/atrás e acima/abaixo se resume em que a escolha entre frente e atrás é determinada pelo lugar ocupado pelo espectador: se ele muda de lugar em relação aos objetos considerados, o que estava à frente pode se tornar atrás e vice-versa, enquanto a escolha entre acima e abaixo não é determinada pelo lugar ocupado pelo espectador e permanece independente dele. (HJELMSLEV, 1972, p. 133, tradução nossa)<sup>1</sup>

A subjetividade também é necessária para estabelecer a teoria dos morfemas:

Considerando a hierarquia das dimensões e da subversão das categorias, as categorias intensas tornam-se categorias objetivas, ou seja, categorias nas quais as dimensões mais resistentes são as

<sup>1</sup> No original francês: « La différence entre devant/derrière et au-dessus/au-dessous se résume en ceci que le choix entre devant et derrière est déterminé par la place occupée par le spectateur : s'il change de place par rapport aux objets considérés, ce qui était devant peut devenir derrière et inversement, alors que le choix entre au-dessus et au-dessous n'est pas déterminé par la place occupée par le spectateur et en reste indépendant. »

que comportam o ponto de vista objetivo, e as categorias [extensas]<sup>2</sup> se tornam categorias subjetivas, ou seja, categorias nas quais as dimensões mais resistentes são as que comportam o ponto de vista subjetivo. (HJELMSLEV, 1991, p. 181-182)

A subjetividade não está ligada a uma extensão: ela intervém local e globalmente como na teoria dos morfemas, tanto que o próprio Hjelmslev faz a seguinte ressalva: “[...] Penso ser seguro dizer que não faria sentido falar de realidades que não são realidades para nós. [...] Há uma certa parte de criação em qualquer operação científica, e o pesquisador deixa sua marca no objeto de sua investigação” (1971, p. 192, tradução nossa).<sup>3</sup>

Nossa hipótese pode ser resumida nestes termos: a transcendência é o limite da imanência admitida. Ou seja, a transcendência é o espaço de acolhimento das dificuldades não resolvidas ou mal resolvidas da imanência. Assim, a falta de domínio da afetividade acarreta seu deslocamento para o espaço aberto da transcendência.

## 2. Pertinência da transcendência

O trabalho de Cassirer nos permite esclarecer as condições sob as quais a imanência, o ponto de vista imanente, pode acomodar dados que muitas vezes se supõem transcendentem. Esse é particularmente o caso da afetividade. De modo provisório, falaremos em três condições:

- i) Sob a denominação de “fenômeno da expressão”, Cassirer concede ao *sentir* a importância que a semiótica narrativa tem atribuído ao *fazer*:

Toda realidade que apreendemos é, em sua forma original, não apenas a realidade de um determinado mundo de coisas, que se coloca diante de nós, confrontando-se conosco, mas também e muito mais a certeza da *eficácia* da vida, que experimentamos. (CASSIRER, 2011, p. 127, grifo do autor)

A instância correlacionada a essa eficácia é a de um sujeito *sensível*, mas sensível a quê? Sensível ao que ele *mensura*, pois nossos afetos são antes de tudo, e talvez somente, medições proprioceptivas; revelar um afeto não é indicar sua posição em um gradiente analítico? Segundo os termos da hipótese tensiva, as dimensões eminentemente mensuráveis são o andamento e a tonicidade;

---

<sup>2</sup> [N. dos T.] A tradução existente em língua portuguesa omite a palavra “extensas”, que acrescentamos entre colchetes.

<sup>3</sup> Cf. “*La structure fondamentale du langage*”, em Hjelmslev (1971, p. 192). No original francês: “[...] Mais je pense que l’on peut dire sans danger qu’il n’y aurait aucun sens à parler de réalités qui ne seraient pas des réalités pour nous. [...] Il y a une certaine part de création dans toute opération scientifique, et le chercheur laisse ses empreintes sur l’objet de son investigation.”

resolver um afeto seria, portanto, acessar as subvalências do andamento e da tonicidade que, autoritárias, nos tomam de assalto.

ii) Considerar a preeminência da afetividade ocasiona uma modificação actancial: o sujeito é, em primeiro lugar, um sujeito do *padecer*:

Ela [a consciência mítica] “tem” o objeto somente porque é dominada por ele; ela não o possui porque o constrói progressivamente para si, mas é simplesmente tomada por ele. Aqui não domina a vontade de compreender o objeto, no sentido em que ele é intelectualmente circunscrito e ordenado a um complexo de causas e efeitos; aqui, há apenas a modesta comoção por ele. (CASSIRER, 2004, p. 136)<sup>4</sup>

iii) A economia da teoria acolhe uma prosodização do sentido induzida pelo impacto das subvalências do andamento e da tonicidade:

A fórmula mana-tabu pode, por isso, ser designada como “fundamento” do mito e da religião, com o mesmo acerto ou desacerto com que se pode considerar a *interjeição* como fundamento da linguagem. De fato, nos dois conceitos trata-se, por assim dizer, de interjeições primárias da consciência mítica. Elas ainda não têm uma função autônoma de significação e de apresentação, mas equivalem a simples sons de excitação da paixão mítica. (CASSIRER, 2004, p. 143, grifo do autor)

Mas a aproximação mais pertinente, queremos crer, diz respeito ao acento. “Nenhum dos dois (o mana e o tabu) serve à designação de determinadas classes de objetos, mas neles se apresenta, em certa medida, apenas a ênfase peculiar que a consciência mágico-mítica dá aos objetos” (CASSIRER, 2004, p. 143, grifo do autor). As categorias do plano da expressão são igualmente válidas para o plano do conteúdo.

### 3. Impacto do acontecimento

Em *Linguagem e mito*, Cassirer, seguindo os passos de Usener, explicita as condições sob as quais sobrevém a transcendência:

Quando à sensação momentânea do objeto colocado à nossa frente, à situação em que nos encontramos, à ação dinâmica que nos surpreende, são outorgados o valor e o acento de deidade, então

---

<sup>4</sup> Da mesma forma: “pois toda experiência-expressão não é, em princípio, nada além de uma experiência passiva; constitui mais um ser tomado do que um tomar [...]” em Cassirer (2011, p. 129-139).

esse “deus momentâneo” é experienciado e criado. (CASSIRER, 1992, p. 34)

A grandeza comunicativa não é outra senão a *surpresa*, que pode ser analisada sob o ponto de vista semiótico como uma *realização não precedida de atualização*. Matriz do acontecimento, a surpresa estabelece *a posteriori* a existência de um além-mundo, de uma transcendência que se anula no momento em que se dá a conhecer: “Só há surpresa se houver um edifício momentâneo – que é destruído. [...]” (VALÉRY, 1973, p. 900). Segundo Cassirer, a transcendência tem como plano da expressão o sobrevir:

Como o único e, em certa medida, sólido núcleo da representação do mana parece finalmente não restar, pois, senão a impressão de extraordinário, de inusitado, de “incomum” em geral. Aqui, o essencial não é o *que* essa determinação carrega, mas sim justamente a determinação, esse caráter mesmo de incomum. (CASSIRER, 2004, p. 142, grifo do autor)

Apoiada na surpresa e no acontecimento, uma descrição como essa elege claramente o diferencial de andamento entre informante e observador como condição e garantia da análise. Convergência a ser apreciada, pois a admirável análise da surpresa produzida por Valéry nos *Cahiers* faz das subvalências intensivas as operadoras do sentido: “O *brusco*, o *intenso*, o *novo* são denominações para um efeito de propagação mais célere” (VALÉRY, 1973, p. 1045, grifos do autor). Essas análises confluentes estabelecem a profunda reciprocidade do acontecimento e do discurso, sugerindo uma semiose que acolhe grandezas primordiais. Assim:

Quadro 2: Planos da expressão e do conteúdo.

Plano da expressão	Plano do conteúdo
imanência	transcendência
surpresa	divino

Fonte: Elaboração própria.

#### 4. O condicionamento concessivo da metáfora

A problemática da relação a ser formulada entre transcendência e imanência não depende deste ou daquele plano da expressão particular. Na *Poética*, Aristóteles, examinando os princípios relativos à “fabricação” das metáforas, explica de pronto: “[...] empregar bem as metáforas é ter uma boa

percepção das semelhanças” (ARISTÓTELES, 1961, 1459a);<sup>5</sup> alguns parágrafos antes, contudo, o Estagirita descrevia com maior exatidão a “metáfora por analogia”, objeto de sua predileção:

Ou ainda: a velhice é para a vida o que a tarde é para o dia. Por isso, [o poeta] chamará a tarde de “velhice do dia”, como diz Empédocles, e à velhice chamará “a tarde da vida” ou “o ocaso da vida”. (ARISTÓTELES, 1961, 1457b)<sup>6</sup>

A diferença entre “manhã” e “tarde” se assemelha à diferença entre “juventude” e “velhice”. No entanto, os dados classemáticos das grandezas em causa são, para os modernos, considerados próximos demais. O espanto esperado e reclamado por Aristóteles não ocorre: “Convém, por conseguinte, imprimir à linguagem certo timbre não familiar, pois a estranheza suscita o espanto e o espanto é coisa agradável” (ARISTÓTELES, 1991, 1404b).<sup>7</sup> Esse espanto não se efetivou. Vinte e quatro séculos depois, a surpresa ainda é reclamada por Ricœur: “Eis por que a metáfora é mais potente: atribuição direta faz brotar a surpresa que a comparação dissipa” (RICŒUR, 2000, p. 82). É nesse sentido que concebemos pessoalmente a metáfora como uma metáfora-acontecimento.

A metáfora ousada joga com a tensão entre imanência e transcendência. Para demonstrá-lo, emprestemos de Montaigne a seguinte declaração sobre a educação das crianças: “Regurgitar a comida tal como a engolimos é sinal de sua crueza e de indigestão: o estômago não fez seu trabalho se não mudou o estado e a forma do que lhe foi dado a digerir” (MONTAIGNE, 2010, p. 92). Ao adotar a leitura defendida por Aristóteles quanto à descrição de metáforas, aprendemos que a repetição literal da lição está para a compreensão assim como o cru está para a digestão. Temos, a partir de então, duas afirmações inéditas: compreensão é digestão e digestão é compreensão. Na imanência, há separação entre digestão e compreensão; na transcendência, há identificação entre uma e outra.

Pela leitura do texto de Montaigne, é possível efetuar uma catálise elementar: *embora* a digestão de um alimento e a compreensão de um enunciado nada tenham a ver uma com a outra, essa digestão e essa compreensão estão numa relação de semelhança. Neste ponto da análise, a metáfora é da ordem do *embora*. Em outras palavras, uma metáfora bem recebida cifraria uma relação *concessiva*. Se, por fim, generalizarmos, a dinâmica intensiva da metáfora se

<sup>5</sup> [N. dos T.] Dada a distância entre a tradução francesa e as traduções portuguesas a que tivemos acesso, escolhemos traduzir os textos de Aristóteles em segunda mão da versão francesa. O trecho em francês é: “[...] bien faire les métaphores c’est bien apercevoir les ressemblances”.

<sup>6</sup> Em francês, lê-se: “De même : il y a le même rapport entre la vieillesse et la vie qu’entre le soir et le jour; le poète dira donc du soir, avec Empédocle, que c’est ‘la vieillesse du jour’, de la vieillesse que c’est ‘le soir de la vie’ ou ‘le couchant de la vie’”.

<sup>7</sup> [N. dos T.] Como o termo “espanto” é central para a argumentação de Zilberberg e as traduções portuguesas consultadas não utilizavam o termo, decidimos traduzir a partir da versão francesa utilizada pelo autor. O trecho em francês é: “Voilà pourquoi il faut donner au langage un cachet étranger, car l’éloignement excite l’étonnement, et l’étonnement est une chose agréable”.

fundamenta em uma concessão latente. Essa concessão inaugura uma metáfora que, por sua vez, inaugura uma *tonificação*; uma divergência sustentada pela concessão atualiza a metáfora, ela mesma em antecipação da tonicidade apreciável. E, de fato, é à ordem do *inesperado* que Aristóteles, em sua *Retórica*, atribui a manifestação da concessão:

Conforme recomenda Teodoro, uma outra coisa agradável é “fazer uso de expressões novas”. E, como ele próprio observa, esse resultado se alcança se o emprego de determinada palavra for inesperado, não se harmonizando com a opinião correntemente aceita [...]. (ARISTÓTELES, 1991, p. 339)<sup>8</sup>

Tendo-se dado a conhecer, um programa [quero sair] colide com um contraprograma de implicação doxal [não vou sair, *porque* está chovendo]. De duas, uma: ou o sujeito se inclina e desiste, ou ele persiste e concebe por concessão subjetal um contra-contraprograma adequado [*embora* esteja chovendo, saio]. As condições para uma tonificação eficiente, e até mesmo para uma sublimação imanente, estarão preenchidas na medida em que o contra-contraprograma consiga superar o contraprograma. Um sujeito segundo o *querer* não tardará em converter-se num sujeito segundo o desafio.

## 5. Da “admiração” cartesiana ao “desencanto” weberiano

A irrupção da transcendência em um plano de imanência também é relevante para “discorrer” a sucessão ordinária do vivenciado. É assim que Descartes faz do sobrevir e da novidade por ele decifrada a condição de acesso das grandezas ao campo de presença:

Quando o primeiro contato com algum objeto nos surpreende e o consideramos novo ou muito diferente do que conhecíamos antes ou então do que supúnhamos que ele devia ser, isso faz com que o admiremos e fiquemos espantados com ele. E como tal coisa pode acontecer antes que saibamos de alguma forma se esse objeto nos é conveniente ou não, a admiração parece-me ser a primeira de todas as paixões. (DESCARTES, 2005, p. 69)

Essa bela análise de Descartes formula as razões pelas quais o programa “ingênuo” do sujeito necessariamente esbarra em um contraprograma *inesperado*. A “admiração” torna-se o plano da expressão de uma semiose cujo plano do conteúdo é o transporte, em todos os sentidos do termo, de uma grandeza que passa do âmbito da transcendência ao âmbito da imanência.

---

<sup>8</sup> [N. dos T.] Também nesse caso, pelas mesmas razões, optamos por traduzir a versão francesa. O trecho em francês é: “Une chose agréable aussi, c’est ce que prescrit Théodore : ‘user d’expressions nouvelles’; or c’est ce qui arrive lorsque l’application d’un mot est inattendue et non pas, comme il le dit, conforme à l’opinion antérieure, [...]”.

Figura 1: Esquema tensivo da admiração.



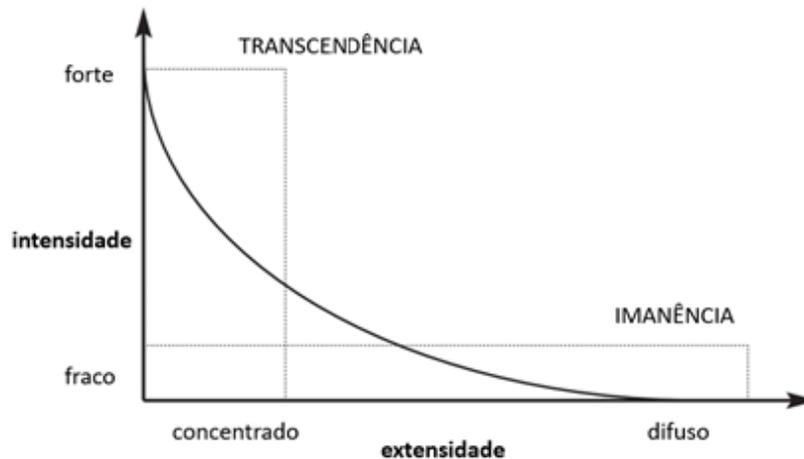
Fonte: Elaboração própria.

A afetividade, portanto, não escapa à análise, longe disso. A grade analítica que utilizamos é o espaço tensivo na medida em que distribui lugares interdefinidos. O pensamento mítico combina intensificação e concentração, enquanto o pensamento teórico reúne descendência intensiva e difusão extensiva. Em *Linguagem e mito*, Cassirer vê a afetividade como condição e garantia para o desenvolvimento do mito:

o sentido das “metáforas” lingüística e mítica só se revelará [...] se remontarmos a esta sua origem comum, se a procurarmos naquela concentração peculiar, naquela “intensificação” da percepção sensorial subjacente a toda enformação, quer lingüística, quer mítico-religiosa. (CASSIRER, 1992, p. 107)

Se o pensamento mítico se baseia no crer, o pensamento teórico só admite o saber. Do ponto de vista fiduciário, o *crer* é revelador de um *acontecimento* inaugural e inigualável, enquanto o *saber* deposita sua confiança apenas na demonstração e na experiência.

Figura 2: Esquema tensivo da imanência e da transcendência.



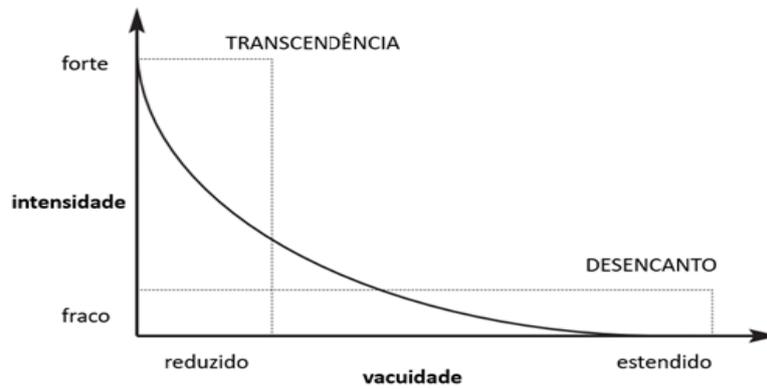
Fonte: Elaboração própria.

O acontecimento não é a única transição entre transcendência e imanência. O teor da relação entre transcendência e imanência diz respeito ao devir das *crenças*. Sempre provisória, a divisão projeta de um lado o *crer* na transcendência, de outro o *saber* na imanência. Em “A ciência como vocação”, Weber (1982) descreve o refluxo da transcendência na cultura ocidental da seguinte forma:

O selvagem sabe o que faz para conseguir sua alimentação diária e que instituições lhe servem nessa empresa. A crescente intelectualização e racionalização *não* indicam, portanto, um conhecimento maior e geral das condições sob as quais vivemos. Significa mais alguma coisa, ou seja, o conhecimento ou a crença em que, se quiséssemos, *poderíamos* ter esse conhecimento a qualquer momento. Significa principalmente, portanto, que não há forças misteriosas, incalculáveis, mas que podemos, em princípio, dominar todas as coisas pelo cálculo. Isto significa que o mundo foi desencantado. Já não precisamos recorrer aos meios mágicos para dominar ou implorar aos espíritos, como fazia o selvagem, para quem esses poderes misteriosos existiam. (WEBER, 1982, p. 165, grifos do autor)

O crescimento da imanência sob a forma da “intelectualização” e “racionalização” se dá às custas da transcendência: “nenhum poder misterioso e imprevisível” consegue se manter, e assim a imanência torna-se o espaço desolado do “desencanto” contemporâneo. A posição do “desencanto” no espaço tensivo pode ser explicitada:

Figura 3: Esquema tensivo da transcendência e do desencanto.



Fonte: Elaboração própria.

O saber não tem como salvar o crer, pois o corrói. A exigência hjelmsleviana segundo a qual “[a hipótese] requer que se definam as grandezas pelas relações, e não inversamente” (HJELMSLEV, 1991, p. 32) fica amplamente satisfeita, contanto que admitamos que os analisáveis, as “grandezas”, são da alçada da transcendência e as “relações”, os analisantes, pertencem ao campo da imanência.

Quadro 3: Transcendência e imanência, grandezas e relações.



Fonte: Elaboração própria.

No entanto, um ponto permanece obscuro: como explicar que a busca pelo saber não tem fim? Isso se daria pelo fato de haver a atualização, a emanção de uma transcendência inédita; o segredo se desloca para um plano da expressão nunca visto. Tanto é assim que o conhecimento e a ignorância se movimentariam em conjunto:

O mundo continua; e a vida, e o espírito, por causa da resistência que nos opõem as coisas difíceis de saber. Tão logo tudo fosse decifrado, tudo desapareceria, e o universo inteiramente desnudado não seria mais possível do que uma fraude revelada ou um truque de mágica cujo segredo nós já conhecêssemos. (VALÉRY, 1960, p. 506)

## Referências

- ARISTÓTELES [ARISTOTE]. *Rhétorique*. Trad. Charles-Émile Ruelle. Paris : Le livre de poche, 1991.
- ARISTÓTELES [ARISTOTE]. *Poétique*. Trad. J. Hardy. Paris : Les Belles Lettres, 1961.
- CASSIRER, Ernst. *Linguagem e mito*. Trad. J. Guinsburg e Miriam Schnaiderman. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- CASSIRER, Ernst. *A filosofia das formas simbólicas 2: O pensamento mítico*. Trad. Cláudia Cavalcanti. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- CASSIRER, Ernst. *A filosofia das formas simbólicas 3: Fenomenologia do conhecimento*. Trad. Flávio Benno Wiebeneichler. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- DESCARTES, René. *As paixões da alma*. Trad. Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Martins Fontes/Selo Martins, 2005.
- HJELMSLEV, Louis. La structure fondamentale du langage. In: *Prolégomènes à une théorie du langage*. Paris : Minuit, 1971, p. 179-231.
- HJELMSLEV, Louis. *La catégorie des cas*. Munich : W. Fink, 1972.
- HJELMSLEV, Louis. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. Trad. J. Teixeira Coelho Netto. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- HJELMSLEV, Louis. *Ensaio linguísticos*. Trad. Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- MONTAIGNE, Michel de. *Os ensaios: uma seleção*. Trad. Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- RICŒUR, Paul. *A metáfora viva*. Trad. Dion Davi Macedo. São Paulo: Edições Loyola, 2000.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2002.
- VALÉRY, Paul. *Cahiers*. Tomo 1. Col. La Pléiade. Paris : Gallimard, 1973.
- VALÉRY, Paul. *Œuvres*. Tomo 2. Col. La Pléiade. Paris : Gallimard, 1960.
- WEBER, Max. A ciência como vocação. In: *Ensaio de sociologia*. Organização: H. H. Gerth e C. Wright Mills. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora, 1982, p. 154-183.
- ZILBERBERG, Claude. ¿Un par incierto?. *Tópicos del seminario*, ano 16, vol. 1, n. 31. ZINNA, Alessandro; RUIZ MORENO, Luisa (org.). La inmanencia en cuestión I, jan/jun 2014, p. 195-208. Disponível em: <http://tematicosdelseminario.buap.mx/index.php/topsem/article/view/37/32>. Acesso em: 9 mar. 2022.
- ZILBERBERG, Claude. Un couple incertain ?. In: ZINNA, Alessandro; RUIZ MORENO, Luisa (org.). *L'immanence en jeu*. Coleção Études. Toulouse: CAMS/O, 2019, p. 127-137. Disponível em: [http://mediationsemiotiques.com/ce\\_imm\\_s1\\_09\\_zilberberg](http://mediationsemiotiques.com/ce_imm_s1_09_zilberberg). Acesso em: 9 mar. 2022.

---

## An uncertain couple?

ZILBERBERG, Claude

Translated by:

 FROTA, Djavam Damasceno

 LOPES, Ivã Carlos

 LEMOS, Carolina Lindenberg

---

**Abstract:** This article approaches the problem of immanence without separating it from the original dichotomy of which it participates both in Philosophy and Semiotics. The following hypothesis is developed: transcendence is the boundary of accepted immanence. This concept can also be expressed in two different ways: a positive one, enunciated from the perspective of transcendence, in which transcendence would be considered the space that encompasses unresolved or poorly resolved difficulties in immanence; a negative one, enunciated from the perspective of immanence, in which we would say that, for instance, the lack of affective control transfers its remains to the open space of transcendence. The immanence/transcendence relationship is simply an alternation that is dependent upon another deeper opposition conceived through the theory of value in Semiotics: that of absolute vs. universal values. It is, ultimately, the subject who evaluates, measures, and relativizes the domain of transcendence in relation to immanence; via the latter's analysis operations, the dimensions of transcendence, be it intensity or extent, gain and lose the capacity to be analyzed.

**Keywords:** transcendence/immanence; absolute/universal values; concessive constraints; event; knowing/believing.

---

### Como citar este artigo

ZILBERBERG, Claude. Um par incerto?. *Estudos Semióticos* [online], vol. 18, n. 1. São Paulo, abril de 2022. p. 25-36. Disponível em: <[www.revistas.usp.br/esse](http://www.revistas.usp.br/esse)>. Acesso em: dia/mês/ano.

---

### How to cite this paper

ZILBERBERG, Claude. Um par incerto?. *Estudos Semióticos* [online], vol. 18.1. São Paulo, april 2022. p. 25-36. Retrieved from: <[www.revistas.usp.br/esse](http://www.revistas.usp.br/esse)>. Accessed: month/day/year.

---

Data de recebimento do artigo: 10/01/2022.

Data de aprovação do artigo: 14/02/2022.

---

Este trabalho está disponível sob uma Licença Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0 Internacional.  
This work is licensed under a Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0 International License.

